

# Representações de corpo masculino e feminino em pesquisa com crianças

**Resumo:** O artigo tem por objetivo apresentar e discutir dados coletados em pesquisa-ação com crianças e adolescentes em uma escola pública municipal de Campo Grande/MS. A pesquisa faz parte de investigação mais ampla, em andamento, com o apoio do CNPq, que visa a coletar e analisar livros para a infância com as temáticas da sexualidade, gênero e diversidades, bem como a refletir sobre representações de crianças sobre os livros, seus conteúdos e linguagens, para vir a produzir coletivamente materiais educativos com e para o público infantil. A temática deste texto é o corpo. Várias estratégias metodológicas foram utilizadas para coletar dados e promover momentos de discussão, mediação de conceitos e problematizações de algumas verdades assumidas como únicas e universais. O corpo feminino é representado pelas crianças pelo caráter reprodutivo e pela capacidade de sedução/erotização. O sexo-discurso foi amplamente destacado na elaboração de listas e desenhos dos nomes e apelidos dos órgãos sexuais de homens e mulheres. O pressuposto de não fragmentar o corpo foi obedecido. Produziram-se personagens corporificados e com histórias de vida para discutir reprodução, concepção, anticoncepção, prazer, autonomia e responsabilidade consigo e com o outro nos jogos amorosos.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Gênero. Corpo.

Constantina Xavier Filha  
Universidade Federal de Mato  
Grosso do Sul - UFMS  
tinaxav@terra.com.br

## Contextualizando a pesquisa

O presente artigo tem por objetivo apresentar dados de pesquisa-ação em andamento intitulada “Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças” (UFMS/PROPP – 2008-2012), com apoio do CNPq, realizada em uma escola pública municipal da cidade de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul. A investigação segue dois eixos teórico-metodológicos interdependentes: pesquisa bibliográfica, com o objetivo de coletar, selecionar e analisar livros para a infância sobre gênero, sexualidade, identidade, diferença e diversidades; e pesquisa-ação com crianças, para coletar suas representações sobre os temas do projeto e produzir coletivamente materiais educativos com e para a infância.

A pesquisa-ação ocorreu de agosto a dezembro de 2010. Dela participaram 48 crianças, estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental: 25 do 5º A (16 meninas e nove meninos) e 23 do 5º B (seis meninas e 17 meninos). As crianças (e alguns/as pré-adolescentes/adolescentes) têm idades médias entre 10 e 15 anos de idade (a maioria entre 10 e 12 anos).

Foram totalizadas 52 horas em 12 encontros semanais em cada uma das salas. Em cada encontro temático, um livro e/ou filme de animação foram utilizados para provocar discussões e apreender as representações das crianças e também para problematizar e mediar conceitos. No final do projeto, foi realizado um seminário com a apresentação do filme de animação produzido coletivamente na pesquisa. Outro produto realizado coletivamente na pesquisa foi a construção de uma personagem, “A Princesa Pantaneira”, que representa uma menina que foge aos padrões de feminilidade socialmente estabelecidos.

Várias temáticas foram discutidas ao longo da pesquisa. Uma delas foi a do corpo, sobre a qual me deterei neste texto.

Quanto a metodologias e estratégias, diversas foram as adotadas e desenvolvidas com as duas turmas. Tinham por objeto apreender e discutir representações de crianças e adolescentes sobre corpo masculino e corpo feminino. Um livro para a infância, cuja personagem principal é uma menina que põe em questão as regras e normas de gênero, produção de desenhos sobre o corpo masculino e feminino e, por fim, a construção e corporificação de personagens foram as dinâmicas definidas, e a seguir analisadas.

### Corpos generificados: Representações de corpos masculino e feminino em pesquisa com crianças

Para iniciar a discussão, apreensão das falas e representações das crianças e adolescentes sobre a temática do corpo, realizamos a leitura coletiva do livro *Ceci tem pipi?*.

*Ceci* é personagem principal do livro de autoria de Thierry Lenain. A menina, ao chegar à escola, abala as convicções do menino Max, que antes tinha a ideia de que o mundo era separado entre os ‘com-pipi’ e as ‘sem-pipi’. O pessoal ‘com-pipi’ era mais forte, e esta era para ele uma certeza inabalável desde que o mundo é mundo. No entanto a menina, em vez de desenhar ‘florzinha fofinha’, prefere ‘mamute enorme’. Adora jogar futebol. Tem bicicleta ‘de garoto’. Não tem medo de subir em árvores. Nas lutas, sempre vence. O menino fica cada vez mais intrigado com as atitudes dela. Acredita que ela deva estar trapaceando, pois “*Ceci* é uma menina que tem pipi! Uma sem-pipi com pipi...” (p. 17), cisma o menino. A partir daí, passa a investigá-la para poder desmascará-la. Ao final, descobre que ela é uma menina sem-pipi e chega à conclusão

de que “[...] antes havia o pessoal com-pipi e o pessoal sem-pipi. Agora, tem os com-pipi e as com-perereca. Pois é... Não tem nada faltando nas meninas!” (p. 29).

O livro apresenta as desconfianças de um menino que demarca o gênero da menina a partir de seu corpo. Para ele, é inadmissível uma menina ter condutas esperadas do gênero masculino. Por este motivo, acredita que ela deva ter ‘pipi’. Ao final, descobre que nada falta à menina e, sim, que ela tinha um órgão genital diferente do dele. De forma lúdica, o autor discute a relação existente entre sexo-gênero, contestando a premissa compulsória de que quem nasce com vulva deverá ser obrigatoriamente do gênero feminino, e quem nasce com pênis, do gênero masculino. O livro não trata da questão do desejo, mas também podemos pensar na inclusão desse termo – desejo – que entraria na ‘equação’ sexo-gênero-desejo como constituinte dos sujeitos. Judith Butler (2003) questiona estes processos de produção de corpos, sujeitos e identidades, obedecendo coerentemente à lógica desta sequência na produção de corpos e desejos obrigatoriamente heterossexuais, compondo o que a autora chama de heterossexualidade compulsória.

A lógica do menino Max era tentar entender o que havia de errado no corpo daquela menina, para, finalmente, desmascará-la. Para ele, as atitudes e condutas dela não eram condizentes com o seu corpo e sexo biológicos.

Butler (2003) faz entender este processo vivido por Max, semelhante ao de tantos outros discursos que preponderaram socialmente. Questiona a premissa de que o gênero é uma construção social do sexo, ou seja, do corpo biológico. A autora discute esta ideia ao assegurar:

Não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado; tem de designar também o aparato mesmo da produção mediante o qual os próprios sexos estão estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2003, p. 23)

A autora alega que não é a biologia que traça o destino, mas a cultura. É na sociedade que atribuímos sentidos a este corpo, a este

sexo e a partir daí construímos as identidades de gênero. O menino Max, personagem do livro infantil em questão, partia da hipótese do corpo como razão da conduta da menina. Esta é a perspectiva mais usual de atribuir ao corpo algo dado e que é a partir dele que se constituirão as condutas idealizadas e esperadas da menina ou do menino. Na perspectiva de Butler, o corpo também é algo construído na cultura. É com este conceito de corpo que tentamos trabalhar na pesquisa com as crianças.

Goellner (2003, p. 29) instiga-nos a pensar o corpo nesta perspectiva ao conceituá-lo:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Para as autoras, assim como para Louro (2000), o corpo não é dado a priori. Ele resulta de construção cultural, de discursos e significados que lhe atribuímos, como ocorreu em relação às várias hipóteses elaboradas por Max. Para ele, ela era uma menina que tinha pipi, mas que não queria contar este segredo a ninguém. Ele, todavia, queria desmascará-la desta farsa, pois, para ele, o corpo demarcava a matriz da conduta social. Ou seja, ter 'pipi' significava ser menino, ou atender às exigências para a vivência e constituição deste gênero. No entanto ela transgredia estas regras e normas sociais. Diante de todas estas questões, ele passou a entender que o gênero é uma construção social sobre corpos sexuados. Por este motivo, não faltava à menina um órgão sexual idêntico ao dele, mas havia outro diferente.

Os conteúdos do livro foram discutidos com os dois grupos de crianças da pesquisa, tentando questionar os sentidos e linguagens atribuídos ao corpo masculino e feminino. Risos e constantes hipóteses sobre o assunto e sobre a curiosidade do menino eram evocados ao longo da leitura. Algumas meninas ficaram acanhadas pela curiosidade do menino na história. Conversamos sobre seme-

lhanças e diferenças existentes entre o corpo de uma menina e de um menino; sobre as formas de educação destes corpos; sobre os nomes e apelidos que atribuímos socialmente aos órgãos genitais de um e outro gênero; sobre as curiosidades sobre os corpos; sobre a intimidade e respeito por nossos corpos.

Antes da leitura do livro, o interesse pela temática já havia sido iniciada no primeiro encontro. Neste dia, solicitamos que cada criança, anonimamente, escrevesse dúvidas e temas que gostaria que fossem abordados nos encontros da pesquisa. O tema corpo foi amplamente solicitado. A ênfase recaiu no corpo biológico e nas questões relacionadas ao ato sexual. No 5º. ano A, a pergunta sobre a diferença do corpo masculino em relação ao feminino ocorreu com a pergunta sobre se o homem usa absorvente (questionando sobre a menstruação); sobre o uso da camisinha masculina e feminina; sobre a pulseira do sexo e o que isto ocasiona nos corpos de meninas e meninos e, finalmente, nas questões sobre o ato sexual e concepção/anticoncepção. Sobre esta última questão, vejamos as questões solicitadas por esta turma:

**Quadro 1:** Perguntas do 5º. Ano A

<b>Perguntas do 5º. Ano A</b>
<b>RELAÇÃO SEXUAL/CONCEPÇÃO-ANTICONCEPÇÃO</b>
Ter relações sexuais aos 14 anos traz riscos? Por que as mulheres têm filhos em dezenove dias? Se a menina tomar remédio antes de fazer sexo pode falhar? O sexo é feito depois dos 19 anos? Tem comprimido para se fazer sexo? O nome do remédio é Viagra? O que é a pílula do dia seguinte? A menina que usa roupa curta chama a atenção do homem para o sexo?

**Fonte:** Dados da Pesquisa "Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças" (UFMS/PROPP/CNPq – 2008-2012).

As perguntas sobre a temática em questão recaem especialmente sobre o corpo feminino. 'Por que as *mulheres* têm filhos'? O remédio que a *menina* irá tomar poderá falhar? O que é a pílula-do-dia-seguinte que será tomada pela *mulher*? Finalmente, perguntas sobre o porquê de o corpo da *menina* ser desejável, chamar a atenção e despertar os desejos masculinos.

Na outra turma, a do 5º B, as perguntas foram parecidas, pois recaíram na pergunta sobre a pulseira do sexo, sobre

o uso da camisinha, sobre a menstruação e sobre a relação sexual. Nesta turma também houve muitas questões sobre a concepção e o cuidado com o/a bebê. Eis as questões:

**Quadro 2:** Perguntas do 5º. Ano A

<b>Perguntas – 5º. Ano B</b>
<b>CONCEPÇÃO/ALIMENTAÇÃO DO BEBÊ</b>
<p>Como se faz um filho?</p> <p>Como o bebê come na barriga da mãe? Como o bebê vive dentro da barriga da mãe?</p> <p>Como o bebê pode virar menina ou menino?</p> <p>A pessoa pode escolher o sexo do bebê?</p> <p>Que cuidados se deve ter com o bebê após o nascimento?</p> <p>Como é a concepção e nascimento de gêmeos? E de crianças siamesas?</p> <p>O que é o cordão umbilical?</p>
<b>RELAÇÃO SEXUAL</b>
<p>O sexo também serve para menor de 18 anos? Ou só para maior de idade?</p> <p>Com quantos anos pode se fazer sexo?</p> <p>Quantas vezes pode se fazer sexo?</p> <p>Como fazer sexo?</p> <p>O sexo pode viciar o homem?</p> <p>Há mulher viciada em sexo?</p>

**Fonte:** Dados da Pesquisa "Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças" (UFMS/PROPP/CNPq – 2008-2012).

O corpo, em discurso pelo grupo de crianças e adolescentes sujeitos da pesquisa, é o corpo sexuado. No 5º. Ano B, conforme se evidencia no Quadro 2, as consequências do ato sexual são alvo de curiosidade e de desejo por saber. Tal como a idade ideal para a prática sexual, o anseio em se ter um manual do 'como fazer sexo' e dos atenuantes da prática sexual, inclusive com o questionamento se o sexo é um ato viciante para homens e mulheres.

Somente um menino queria saber sobre masturbação. As questões a este respeito recaíam em preceitos normativos, pois queria saber se podia praticar o ato, se a menina também praticava, se causava algum mal. Todas as questões foram lidas no segundo encontro e outras tantas foram incorporadas à listagem. As questões coletadas serviram para apreender as dúvidas e anseios das crianças e também para nortear as discussões teórico-metodológicas

no decorrer do projeto de pesquisa. Não tivemos a intenção de respondê-las, mas de instigar a buscar por várias respostas e problematizações sobre os temas levantados. Os livros para a infância foram instrumentos importantes para a consulta e também para a mediação desses conceitos.

Apesar das inúmeras questões e perguntas elaboradas pelas crianças e adolescentes no início do projeto, é curioso notar que, em diversas outras atividades, muitos deles e delas alegaram que os assuntos sexo e sexualidade não deveriam ser tratados com crianças. A maioria, no entanto, reforçaram as inúmeras dúvidas e questões que tinham e desejo em saber sobre esses temas. Este discurso do interdito, presente nas falas contraditórias das crianças, é também uma construção social em que se convencionou calar sobre o assunto sexo ou falar sobre ele como segredo.

As perguntas iniciais dos dois grupos das crianças recaíram no corpo sexuado e reprodutivo, como se viu. Outra conotação do corpo, incorporada a esta, foi a do corpo feminino sedutor. Ao se perguntar sobre o que achavam da pergunta “menina que usa roupa curta chama a atenção do homem para o sexo?”, muitos meninos concordaram. O corpo feminino é marcado, especialmente nas representações dos meninos, como sedutor. Os meninos lembraram de uma música que comprova esta crença. Como eu desconhecia a música, tentei argumentar e provocar discussões a respeito destes discursos sobre o corpo feminino, sem muito êxito. No encontro seguinte, um menino me chamou num canto da sala e me fez ouvir a música que ele tinha gravado no seu aparelho celular.

A música chama-se *Saia e bicicletinha*<sup>2</sup>. A letra, descrita abaixo, coloca em evidência o corpo feminino sensual e desejável. A letra da música narra, sob a perspectiva masculina, o passeio de bicicleta de uma menina-mulher.

(2) Música Saia e bicicletinha, interpretada pela banda Aviões do Forró.

*Ela sai de saia de bicicletinha  
Uma mão vai no guidom e a outra tapando a calcinha  
Dá um arrepio quando ela sai pedalando  
Mas tem uma mão na frente que tá sempre atrapalhando  
Acho que ela tem medo do periquito voar  
Por isso que ela não para de tampar  
Eu não aguento mais  
Essa situação  
Vamos liberar geral  
Vamos tirar essa mão*

*Bota a saia e vem pra rua  
Na sua bicicletinha  
Eu quero ver a cor da sua calcinha*

O corpo feminino na música é marcado pela sensualidade, pela sedução, pela provocação e erotização. Ele está exposto aos desejos e curiosidades do gênero masculino. As duas representações presentes nos discursos iniciais das crianças e adolescentes, em linhas gerais, dividiam-se entre o corpo sexuado/genital e reprodutor e o corpo erotizável, desejável e desejante. Estas questões marcavam sobremaneira o corpo feminino. A partir destas constatações, passamos a propor algumas estratégias metodológicas para problematizar representações tão fortemente construídas, e que não eram questionadas pelo grupo de crianças. Algumas destas ações e discussões serão descritas a seguir.

## Apelidos para os órgãos genitais masculino e feminino

Após a leitura do livro *Ceci tem pipi?*, foi entregue às crianças uma ficha individual dividida<sup>3</sup> em duas partes. Na primeira, com espaço para o desenho de um corpo nu de menina e, do outro, de um menino. Após o desenho, deveriam escrever o nome das diversas partes do corpo, procurando optar por todos os nomes e apelidos que conheciam.

Ao receberem a ficha para o desenho, houve relutância de algumas crianças, em especial de algumas meninas. Outros/as queriam desenhar corpos do gênero a que pertenciam. Discutimos sobre essas atitudes, que logo foram dissipadas, e iniciaram a atividade. Outro impedimento foi em relação à escrita de todos os nomes e apelidos que conheciam para todas as partes do corpo, inclusive dos órgãos genitais/sexuais. Um menino alegou que a mãe não podia saber o que ele estava fazendo, pois iria repreendê-lo. Houve risadas e empolgação da grande maioria por se sentir autorizada a falar de algo proibido nas relações cotidianas, em especial no espaço escolar.

Os sentimentos das crianças são elucidativos e comprovam o que vários/as pesquisadores/as vêm estudando sobre o fato e a ideia de que o corpo tenha ficado fora da escola. Louro (2000) aponta que as consagradas teorias educacionais levaram-nos a segregar corpo e mente. “No ‘sagrado’ campo da educação, não apenas separamos mente e corpo, mas, mais do que isso, desconfiamos

(3) Na atividade participaram 22 pessoas do 5º. Ano A (12 meninas e 10 meninos) e 20 do 5º. Ano B (5 meninas e 15 meninos).



do corpo. Aparentemente, estamos, nas escolas e universidades, a lidar exclusivamente com ideias e conceitos que, de algum modo, fluem de seres incorpóreos”. (LOURO, 2000, p. 88)

Apesar de estes discursos pedagógicos ocuparem a mente do sujeito que se tornou escolarizável, os processos escolares na prática tiveram como propósito controlar, vigiar, regradar, moldar os corpos de meninos e meninas. Foucault (2007) analisa esses vários mecanismos de controle dos corpos para torná-los escolarizáveis e dóceis ao processo educativo.

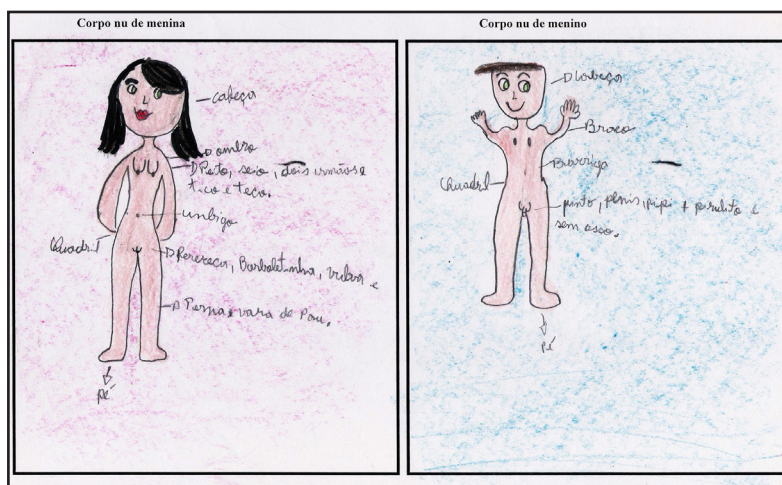
A relutância de algumas crianças em iniciar a atividade de desenhar corpos nus e falar sobre eles, no âmbito da escola, evidencia esta contradição entre, de um lado, a negação em se expressar sobre, e, de outro, que o corpo pulsa dentro deste ambiente e, sobretudo, que o corpo sempre foi uma ocupação e preocupação das mais diversas teorias e discursos pedagógicos e de educadores/as. Além disso, o corpo é um tema que desperta o desejo de saber, como se evidenciou nas diversas questões elaboradas pelo grupo de crianças e adolescentes.

O corpo, na perspectiva adotada pela pesquisa, como já explicitado, não é um dado da natureza, mas algo produzido cultural e discursivamente. Goellner (2003, p. 29) discute que “o corpo é também o que dele se diz”. Com isto, afirma que o corpo é construído também pela linguagem. Ou seja, a linguagem tem o poder de “[...] nomeá-lo, classificá-lo, definir normalidades e anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável”. (GOELLNER, 2003, p. 29)

Os corpos desenhados são, em sua esmagadora maioria, magros, brancos e jovens. Há poucos corpos morenos e negros. Os corpos têm várias marcas sociais. Alguns meninos, por exemplo, são desenhados com músculo nos braços e as meninas com cinturas finas.

Após a primeira etapa de relutância de algumas pessoas em escrever os nomes e apelidos para as partes do corpo, muitos/as se sentiram autorizados/as a usar os nomes que conheciam. Como era de se esperar, como se vê nas duas imagens abaixo, somente os órgãos genitais e mamas possuem tantos nomes e apelidos.

**Figura 1** – Desenho de corpos masculino e feminino –  
(produção de menina)



Fonte: Desenho de menina, 10 anos, 5º A.

**Figura 2** – Desenho de corpos masculino e feminino –  
(produção de menino)



Fonte: Desenho de menino, 11 anos, 5º B.

Os desenhos trazem as marcas de gênero em relação às cores atribuídas à menina e ao menino. Nos dois desenhos (Figuras 1 e 2), os corpos femininos têm como fundo a cor rosa e os dos meninos, a cor azul. No desenho do menino, as partes íntimas estão cobertas. Isso ocorreu somente com o desenho deste menino. Os/as demais desenharam os corpos nus.

Ao todo, nas duas turmas, encontramos inúmeros termos e apelidos para os órgãos genitais. Dezessete apelidos foram dados à vulva<sup>4</sup>, órgão genital feminino, e 34 para o pênis<sup>5</sup>. Também foram atribuídos alguns nomes para as mamas. Para as femininas: seio, peito, teta, peito de vaca, dois irmãos, tico e teco, melão, mamas e dois filhos de Francisco. Para as masculinas: peito, seio, peitoral, tetinha.

Os apelidos para o pênis dizem respeito à sua anatomia e por isso são designados por bichos como serpente, minhoca e anaconda, bem como a armas 'pau, cacete'. Os atribuídos à vulva referem-se a bicho peçonhento (perereca, sapo) ou fofinho (borboleta), estes quase sempre escritos no diminutivo. O termo 'perseguida' se ajusta ao objeto de desejo e perseguição, supostamente pelo gênero oposto (como se apresentou na letra da música da bicicletinha que descrevi anteriormente). O termo vagina, corriqueiramente usado como sinônimo de vulva, merece reflexão. Vagina é o canal interno, portanto, não-visível. No entanto, ele é usado para designar algo exterior. Furlani (2003, p. 72) discute sobre a utilização do termo, vagina em detrimento de vulva, e questiona a utilização deste termo dentro da lógica da sexualidade reprodutiva, "que privilegia o ato sexual entre um homem e uma mulher e que concebe apenas a penetração vaginal como prática sexual". O uso do termo também oculta uma parte da vulva, o clitóris, que é um importante elemento do prazer feminino. Esta é uma parte do corpo feminino que ainda é silenciada, pois se tem como crença que o corpo feminino deve ser desvendado pelo homem e, por isso, talvez, a constante utilização do termo vagina. Furlani (2003) ainda analisa que a ênfase na reprodução legítima apenas a vida sexual de pessoas que estão no período reprodutivo, a prática sexual com penetração vaginal, a incompreensão da prática sexual por pessoas do mesmo sexo e, em especial, a dificuldade de entendimento da relação de sexualidade com prazer.

Todos os desenhos foram digitalizados e exibidos no encontro seguinte. Perguntamos às crianças sobre o porquê de apenas algumas partes do corpo terem tantos apelidos. Entre risos, gargalhadas e empolgação, foram instigadas a pensar sobre os sentidos que atribuímos aos corpos. Coletivamente, levantamos hipóteses sobre a extensa lista de apelidos elaborada pelas duas turmas. As conclusões a que chegaram foram:

(4) Os termos usados foram: perereca, xeca, periquita, perecheca, precheca, vagina, varginia, xana, Chica, buceta, borboleta, xereca, válvula, xoxota, sapo boi, rachada e perseguida.

(5) Os apelidos para pênis foram: pinto/pintão, pipi, pirulito, sem osso, pipiu, marreta, pingulin, piça, pica, pau, caralho, cacete, anaconda, serpente, minhoquinha/minhoca, bazuca, papagaio, peludo, saco, rola, piu-piu, passarinho, bilau, cabeça vermelha, bjola, pau grande, pinto de bengala, larva, caveira, culhão, picasso, filé, torneira e Chico.

- *“As pessoas pensam em besteira e, por não conhecerem os nomes, inventam apelidos”.*
- *“Porque as pessoas não sabem o nome próprio”.*
- *“As mães ensinam esses nomes porque as crianças são pequenas e não entenderiam os nomes próprios”.*
- *“Por ser a parte mais íntima, é a mais falada e o povo gosta mais disso”.*

A profusão de termos e apelidos atribuídos aos órgãos sexuais/genitais de homens e mulheres evidencia elementos para além das relações interpessoais, como as atribuídas pelas crianças. As questões de sexualidade, como afirma Louro (2000), antes de serem algo de cunho eminentemente privado, são questões políticas, culturais e sociais. Portanto, o sentido que atribuímos aos corpos, aos corpos sexuados, às práticas sexuais, aos nomes e apelidos para os órgãos sexuais, entre tantos assuntos, são produções discursivas de terminada cultura. Outro aspecto a destacar a este respeito é de que vivemos em meio a uma profusão discursiva sobre sexo. Ao contrário de nos constituirmos na perspectiva repressiva e do não-dito, nos últimos séculos, conforme aponta Foucault (1997), nos tornamos seres confidentes. Abrimo-nos para a verdade sobre o sexo; permitimo-nos colocar o sexo em discurso por intermédio da produção de saber e de poder e da conseqüente incitação discursiva. Afirma, ainda, que “nesses três últimos séculos, em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes: em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva”. (FOUCAULT, 1997, p. 21)

O autor analisa as várias aparelhagens para produzir discursos sobre o sexo por meio das ciências e das formas pelas quais nos constituímos de forma autorreflexiva.

Estas questões tornaram-se evidentes na atividade proposta e desenvolvida pelas crianças. Algumas estranharam os inúmeros nomes dados aos órgãos genitais e surpreenderam-se pela atribuição de sentidos construída socialmente. Foram instigadas a questionar por que estas questões estão postas e construídas socialmente. Que marcas provocam? Em que medida provocam mais discursos sobre os corpos? Em que interditam? Como se constituem o corpo masculino e o feminino em meio a esta profusão discursiva? Em que medida esses termos e apelidos falam do corpo de outras maneiras? Por fim, tentamos instigar a reflexão com as crianças a partir do que o filósofo Michel Foucault diz não dever ser dividido

entre “não se deve fazer”, “o que se diz” e “o que não se diz”. “É preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer – afirma –, como são atribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida de uns e outros”. (FOUCAULT, 1997, p. 30)

## Construção de personagens

Com o objetivo de discutir e promover a discussão em torno do tema corpo e as questões ligadas à reprodução, tão amplamente citadas como desejo de saber dos dois grupos de crianças e adolescentes, desenvolvemos a dinâmica de construção de personagens. Não se pretendia trabalhar o corpo fragmentado. Os seres a serem imaginados deveriam ser corporificados, com histórias e capacidade de vivenciar relações interpessoais e sociais.

Em grupos, uma das turmas construiu dois casais de personagens. Os corpos foram desenhados contornando as silhuetas de corpos de meninos e meninas. Cada personagem era desenhada nua; posteriormente foram produzidas roupas e demais acessórios para adornar o corpo. A história de vida de cada personagem foi registrada por um componente da equipe de pesquisadores/as<sup>6</sup>. Abaixo descrevo as apresentações pessoais:

Olá!!! Eu sou o João Victor Filho, tenho 15 anos. Moro em Goiânia com a minha mãe, meu padrasto e meus dois irmãos. Mas, às vezes vou para a casa do meu pai, da minha madrasta e da minha irmã. Estou no Ensino Médio e pretendo fazer Faculdade de Música. Meu sonho é viajar pelo país cantando!!! Adoro tomar banho de cachoeira, brincar com meus/minhas amigos/as, cantar e tocar violão.

Oi, sou a Gabriela Dayane, tenho doze anos de idade e moro no Bairro Santa Branca, em Campo Grande/MS. Sou a filha do meio da minha querida família que também é formada por meu pai, minha mãe, meu irmão e minha irmã. Meu coração até bate mais forte de tanto que sinto vontade de me divertir com minha família, ir ao shopping, tomar banho de cachoeira. Também gosto de estudar, brincar com meu irmão mais novo, ajudar minha mãe e meu pai nos serviços leves de casa. Meus sonhos são ir para São Paulo, conhecer os meus familiares que estão lá e ter uma bicicleta.

Lara é uma menina de 16 anos que mora num apartamento no centro da cidade de Campo Grande com seu pai Pedro, sua mãe Lúcia e seus dois irmãos, um menino chamado Patrick e uma menina chamada Patrícia. Ela estuda no 1º ano do Ensino Médio da escola Domingos Gonçalves Gomes. O maior sonho de Lara é terminar seus estudos e ser médica. Depois, ela gostaria de se casar com seu namorado e ter dois filhos, uma menina e um menino. O lazer preferido de Lara é fazer natação e estudar. Ela também gosta de cantar e tocar violino.

Felipe é um menino de 15 anos, torcedor do São Paulo, que sonha em ser veterinário. Mora em Campo Grande/MS, no bairro Joaquim Alves Pereira com o pai Antônio, a mãe Juliana, a irmã Clarice e o irmão João Pedro. Estuda na Escola Abel Freire de Aragão e está no 1º ano do Ensino Médio. Gosta de jogar futebol e videogame. Se diverte indo aos shows do Luan Santana. E após a aula faz curso técnico de administração.

(6) Agradeço a imensa contribuição das pessoas que compuseram a equipe neste momento: Cristine Novaes Barbosa da Rocha; Suellen Oliveira Duarte Ramos Próspero; Ingrid Roque Pérez e Daniel Delmanto.

No momento da construção das histórias das personagens, a equipe de pesquisadores/as questionava várias características atribuídas, além dos sonhos, das normas e idealizações de gênero. Em outro encontro, selecionei aleatoriamente um casal de personagens, a Lara e o João Victor. A partir dos dois, construí com as crianças e adolescentes uma história em comum para discutirmos sobre os temas corpo, reprodução, desejo, prazer, escolhas, métodos anticoncepcionais, intimidade, respeito e autonomia com o próprio corpo.

(7) Trata-se de pulseiras de material emborrachado com cores variadas. Para cada cor é atribuída uma prática sensual ou sexual; por exemplo, cor branca significa beijo, entre outras ações, até chegar ao ato sexual. Sabe-se que o uso das pulseiras estaria ligado a um jogo que caberia aos/as jogadores/as arrebentar a pulseira da outra pessoa para receber como prêmio estipulado para a cor da pulseira. O uso das pulseiras foi amplamente veiculado e pode ter sido impulsionador de alguns estupros de adolescentes em algumas partes do Brasil. Nas escolas municipais de Campo Grande, sua utilização, no período da coleta de dados, era proibida. No entanto, não houve nenhuma discussão a este respeito com as crianças e adolescentes.

O tema ‘pulseirinha do sexo’<sup>7</sup> também foi abordado e proposto à discussão com as crianças. O direito de escolha em ter ou não relação sexual, o respeito pelo corpo, a prática sexual ligada à responsabilidade consigo e com o outro, a prática sexual e as relações com o prazer, o uso de métodos anticoncepcionais, em especial a camisinha feminina e masculina, foram temas discutidos com as crianças e adolescentes. Elas puderam discutir e elaborar coletivamente conhecimentos sobre algumas questões levantadas no início do projeto, em especial sobre o corpo reprodutivo e todas as convenções sociais, culturais, emocionais que marcam corpo masculino e feminino. Em outros momentos, o tema foi analisado a partir de leituras em livros para a infância e discussões no grande grupo.

Nas ações de construção de personagens, na discussão sobre a prática sexual e reprodutiva da adolescente e do adolescente e nas demais estratégias adotadas nos encontros da pesquisa, descritas neste texto, frisou-se, para efeito de síntese, que a discussão sobre a reprodução, concepção, anticoncepção e ato sexual considerasse o corpo inteiro, não fragmentado, destacando os aspectos que o envolve em sua amplitude, para além das costumeiras aulas de anatomia, em que o corpo é apresentado em partes, desprovido de desejos, medos, culpas, dúvidas, alegrias, prazeres...

O tema, nos encontros da pesquisa, ganhou espaço privilegiado e legitimado para ser discutido na escola. Antes silenciado, agora com espaço autorizado para ser amplamente discutido, com possibilidades de se pensar sobre como os corpos são produzidos na cultura. A pesquisa-ação, portanto, revelou-se espaço profícuo e fértil para a discussão com as crianças sobre assuntos normalmente essencializados e carregados de interditos.



# Representations of male and female body in research with children

**Abstract:** This article has the aim to present and discuss data collected in an action research with children and adolescents in a municipal school in Campo Grande/MS. This research is part of a wider investigation, yet not finished, with the support of CNPQ, whose aim is to collect and analyse books for infants on the themes of sexuality, gender and diversities, as well as reflect on the children's representations of the books, its contents and languages, to produce collectively educative materials with and for the infant public. The subject of this text is the body. Many metodologic strategies have been used to collect data and promote moments of discussion, mediation of concepts and problematisations of some truths assumed to be unique and universal. The feminine body is represented by the reproductive character and the capacity of seduction/erotization. The sex speech has been widely emphasized during the elaboration of lists and drawings containing names and nicknames of men and women's sex organs. The pressuposition of not fragmenting the body has been obeyed. Embodied characters along with their life stories have been produced to discuss reproduction, contraception, pleasure, autonomy and responsibility with herself and with the other in the love games.

**Key words:** Sexuality. Gender. Body.

## Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1997. v.1: A vontade de saber.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes et al. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L. et al. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LENAIN, Thierry. *Ceci tem pipi?* Ilustrações de Delphine Durand. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo, SP: Companhia das Letrinhas, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade*. Lisboa: Porto Editora, 2000.

**Artigo submetido em 10/07/2001 e aceito para publicação em 3/10/2011**